

APRENDIZAGEM HISTÓRICA DIGITAL: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Daniela Martins de Menezes Moraes

Orientadora: Dr. Juliana Andrade

Universidade Federal de Pernambuco- UFPE

menezes_dani@hotmail.com

Resumo: O presente artigo pretende tecer pequenas considerações teóricas sobre a temática ainda recente na pauta acadêmica que é a aprendizagem histórica digital nas redes sociais. Como parte de nossa pesquisa de mestrado, pretende-se aqui fazer algumas rápidas reflexões sobre a importância de se estudar esta matéria visto que a educação hoje se insere no ciberespaço, cujos sujeitos estão mergulhados na cibercultura. Repensar a aprendizagem em história, considerando as redes sociais como mais um recurso didático para tal pode levar à ressignificação dos papéis da escola e do professor. Dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem merece ênfase a análise do novo perfil de discente, considerado como “pensador digital”, visto que enquanto nativo digital e imerso na cibercultura não apresenta interesse nas formas mais comumente utilizadas no ensino de história. O novo perfil de estudante apresenta uma nova racionalidade, com novos interesses e que exige uma nova aprendizagem. Há muito a escola deixou de ser o único acesso ao conhecimento e professores e escolas parecem perder a disputa para os canais de *youtube* e páginas do *facebook*. Além disso, diariamente professores assistem durante as aulas a reprodução de discursos que estão dispostos enquanto narrativas nas redes sociais. As questões principais, dentre outras, são: Por que nossos estudantes preferem as redes sociais na aprendizagem? Como esses discentes operam historiograficamente nesses espaços virtuais? É possível para o professor utilizar estes canais de informação como produção de saber histórico com seus alunos? Durante a pesquisa o percurso metodológico a ser seguido será através das contribuições da netnografia e da história digital, que além de fornecerem pressupostos e métodos, viabilizam novos caminhos para a produção de narrativas.

Palavras-chave: Ensino de história, aprendizagem histórica digital, redes sociais, cibercultura, ciberespaço.

INTRODUÇÃO

O presente texto faz parte de nossa pesquisa de mestrado que é uma proposta de investigação sobre aprendizagem histórica no ciberespaço. Essa proposta parte de inquietações cotidianas resultante da prática educativa como docente da rede pública estadual de ensino integral, numa escola da periferia da região metropolitana do Recife. Também é fruto das reflexões iniciadas ainda na graduação onde tivemos o primeiro contato com o campo do ensino de história a partir de leituras, produções textuais e participação em eventos.

Pensar o ensino de história é uma tarefa que exige certo grau de complexidade para além do que se possa imaginar. Há na contemporaneidade inúmeros artigos, textos acadêmicos, documentos on-line entre outras publicações cujo tema principal seja o ensino de história. Porém, tais debates e discussões, em sua maioria, ora ocorrem no campo da educação ora no campo da historiografia como se o ensino de história ficasse restrito a um destes campos, sem diálogo ou encontro entre eles. É relativamente recente a produção que se propõe a romper os limites da pesquisa acadêmica e se

aproxima da prática não apenas como extensão, mas como objeto de pesquisa. Essa é a constituição do campo de estudos em Ensino de História, que atualmente luta por afirmação e legitimação na qual estão inseridos os Mestrados Profissionais, por exemplo, que representam um grande avanço dessa pauta.

Nesta perspectiva, assim entendemos o Ensino de História de acordo com MONTEIRO (2011), como um lugar de fronteira, um lugar de encontro entre Educação e História, sendo assim um outro campo de investigação. Desta feita, observando as multiplicidades que o compõem juntamente com as inúmeras situações propostas pela práxis educativa e as demandas contemporâneas, faz-se necessária uma análise também do ensino de história em outros espaços para além da escola e como se opera a formação da consciência histórica entre os discentes.

Assim, o objeto de nossa investigação, a Aprendizagem Histórica Digital nas Redes Sociais dispostas na *web*, justifica-se primeiramente pelo crescimento dessas redes e do seu uso principalmente por parte das pessoas em idade escolar para ter acesso à informação. A democratização ao acesso à internet trouxe inúmeras possibilidades, mas abriu caminho para diversas situações, tais como o desprestígio do conhecimento escolar em detrimento da informação on-line - muitas vezes descompromissada com os referenciais teóricos- e nesse crescente acesso muitos docentes simplesmente ignoram, recriminam ou até mesmo desconhecem sua influência no cotidiano da sala de aula. Se vivemos na era da tecnologia, urge ao professor acompanhar as demandas de seu tempo.

É incontestável a afirmação de que estamos numa nova configuração social, onde jovens e crianças já nasceram imersos numa sociedade cada vez mais tecnologicizada, os quais aprendem desde muito cedo a acessar e utilizar as tecnologias e recursos on-line onde as redes sociais são uma importante ferramenta a serviço de seus interesses, tais como obtenção de informações, lazer, estudos e relacionamentos. Em suma, a partir do uso das redes sociais a *web* passa a fazer parte do cotidiano da juventude e assim, mesmo que de forma indesejada ou ignorada, as redes sociais aparecem no cotidiano escolar e acabam por integrar as aulas e atividades. Dessa forma, possuem uma grande potencialidade enquanto ferramenta pedagógica desde que tenham uma intencionalidade. GOMEZ (2010) coloca que:

O mundo das redes sociais é relativamente novo. Os programas de redes sociais, sejam pessoais, temáticas ou profissionais, na realidade não foram criados para atividades educativas, embora nas escolas se estejam usando alguns deles (...). A rede é mais um espaço da escola contemporânea que

necessita orientação e cuidado para se transformar em um dispositivo pedagógico (COSTA apud GOMEZ, 2010)

Outra razão que nos fez pesquisar a temática são as lacunas na produção historiográfica a respeito da discussão sobre ensino de história e ciberespaço. Nas últimas décadas vimos inúmeras publicações, acadêmicas ou não, tratarem sobre o papel da tecnologia no ensino-aprendizagem como recurso didático, conforme colocado acima, mas não aprofundam a perspectiva da aprendizagem histórica no ambiente virtual, em especial, nas redes sociais. Há poucas investigações sobre essa matéria, ao passo que a cada dia se expande a utilização das redes como fonte de conhecimento histórico.

Justifica-se também, pela observação na discrepância que existe entre a apatia com a aula narrativa tradicional ministrada em sala de aula e a euforia com as aulas dos “professores youtubers”, com as “páginas do facebook” etc., ou seja, com as narrativas dispostas nas Redes Sociais. Enquanto a escola é uma instituição fruto da modernidade, nossos alunos são pós-modernos e assim não se identificam com as metodologias comumente utilizadas no ambiente escolar. Eles enquanto “nativos digitais” são os próprios produtores de conhecimento e protagonistas da “cultura compartilhada da web”, ao passo que na escola muitas vezes ainda permanecem como receptores do conhecimento.

A escola há muito deixou de ser um meio exclusivo de acesso ao conhecimento e o uso das tecnologias provocaram e ainda provocam grandes impactos nas práticas de ensino-aprendizagem. Segundo MEIRIEU (1998) apesar da escola reconhecer a necessidade urgente de mudanças ainda apresenta resistências devido à inúmeros fatores, dentre os quais NERI & BEZERRA (2013) destacam: o apego às ideias de aprendizagem; a crença de que a transformação se dá através do estabelecimento de verdades científicas; e por último, pela insegurança na gestão da aprendizagem, já que não existem fórmulas prontas e eficazes que deem conta de tamanha complexidade.

O professor de História precisa estar consciente de que em apenas um clique o aluno pode viajar pelo ciberespaço e vê que o que está sendo explicado com a narrativa tradicional pode ser estudado de modo mais atraente e dentro de sua linguagem. Quando o docente percebe isso pode ressignificar seu papel e suas aulas, pois despertará o interesse do aluno haja vista que pode haver uma identificação e empatia a partir da intencionalidade que foi aplicada.

Por fim, por presenciar muitas vezes nas aulas de história na escola a apropriação feita pelos alunos dos usos que são feitos do passado e dos discursos que são formados nestes espaços virtuais e que entram em atrito com o saber histórico escolar. Sobre isso afirma CARRETERO:

A indústria do entretenimento aumenta seu poder enquanto instância legitimadora dos saberes compartilhados, em detrimento dos canais formais e disciplinados. (...) A complexidade que caracteriza os processos de construção das representações do passado nos introduz no problema dos usos da história, públicos, políticos, populares e popularizados, e a entendê-la não apenas como uma disciplina, mas também como um tipo particular de gestão a favor de uma memória coletiva instituída e que institui. Por fim, não se trata apenas do que se lembra, mas também do que se esquece (CARRETERO, 2010. p.62)

Nesta perspectiva, as narrativas encontradas nas Redes Sociais estão inseridas no processo de legitimação dos saberes em detrimento do saber histórico escolar. Sobre isso, OLIVEIRA (2003) observa que:

Ora, esses questionamentos sobre o papel da mídia só reforçam os problemas que apontamos, visto que, no Brasil, é preciso ainda esclarecer para os cidadãos as diferenças entre memória, pesquisa histórica e como a mídia se apropria delas e/ou descarta as duas, quando da sua conveniência (...) e esse papel de explicitação das diferenças, é entendido como tarefa da escola. (OLIVEIRA, 2003. p.170)

Sendo assim, é possível aprender História a partir destas narrativas? Como os professores podem se apropriar dessas narrativas históricas das Redes Sociais nas aulas história? Como articular o conhecimento histórico das redes sociais com a colaboração dos discentes Como são utilizados tais recursos didáticos no processo de operação historiográfica no contexto escolar?

Desta feita, o projeto em questão tem por objetivo analisar a possibilidade de aprendizagem histórica digital, ou seja, como os jovens estudantes podem aprender história utilizando as redes sociais dispostas no ciberespaço enquanto recurso didático. Para tal, pretendemos vivenciar com os estudantes uma sequência didática a partir da criação de uma página comunitária no “Facebook”- rede social por eles mais acessada- e a partir daí elaboraremos um roteiro didático para que os professores proponham aulas colaborativas utilizando as redes sociais como ferramenta de ensino e aprendizagem nas aulas de história.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Um dos maiores desafios durante a investigação aqui proposta será refletir sobre a nossa própria condição enquanto pesquisadores, em nossas experiências de pesquisas, considerando que também somos “nativos” do ciberespaço e deste contexto produzido pela interface com as tecnologias da comunicação e da informação. Esse universo digital e suas relações com a educação, cultura e sociedade tem sido estudado por diferentes áreas do conhecimento como a antropologia, história e sociologia. Movimento que tem construído estrutura teórico-metodológica de análise como: História Digital e a netnografia.

A netnografia é uma metodologia cujo conceito e terminologia derivam e se aproximam em forma da etnografia das ciências sociais, sendo que aplicada inicialmente no mundo do marketing e da publicidade para estratégia de comunicação entre o público e suas demandas principais. Hoje é utilizada na imersão on-line para reconhecimento e relacionamento em pesquisas com o público da web, em especial das redes sociais, dito de maneira simplificada, pode ajudar a construir o diálogo e a postura crítica que a investigação on-line onde sujeitos e objetos se encontram exige.

MONTARDO & PASSERINO (2006) sobre o uso da netnografia enquanto pesquisa em redes sociais, em especial aplicada ao estudo dos blogs, apresentam como possibilidades metodológicas a exploração da comunicação multimídia, permitindo, contar com dados coletados em texto, áudio e vídeo, recursos que podem enriquecer a observação dos estudos. Há também outras possibilidades como facilidade de busca e coleta de dados, amplitude da coleta e do armazenamento, desdobramento da pesquisa com rapidez. Desta forma, a imersão on-line nos proporcionará também a imersão na história/historiografia digital cujo conceito e método ainda busca afirmação no Brasil embora seja amplamente utilizado nas últimas duas décadas (LUCCHESI, 2013).

Segundo NOIRET (2015) “a história digital se propõe a visualizar a história e construir narrativas não apenas e essencialmente baseadas no texto”, ou seja, possui como especificidades a pesquisa de diferentes fontes e as diversas tramas narrativas da web. Não se restringe à utilização de ferramentas digitais, mas se propõe à mudança dos próprios parâmetros de pesquisa a partir do estreitamento com as novas tecnologias. Pode assim ser definida como:

“Todo o complexo universo de produções e trocas sociais tendo por objeto o conhecimento histórico, transferido e/ou diretamente gerado e experimentado em ambientação digital (pesquisa, organização, relações,

difusão, uso público e privado, fontes, livros, didática, desempenho e assim por diante” (MONINA, 2013 apud NOIRET, 2015).

Dessa forma, a história digital traz questões sobre a narração do passado, memória e história. Derrubando o muro entre as pesquisas acadêmicas e as práticas públicas acaba por possibilitar novas formas de narração histórica, pesquisa participativa e acessibilidade. O historiador digital, e por que não o professor digital, atua neste contexto como mediador, “filtrando” informações, gerenciando documentos, coletando dados, organizando narrativas e conectando comunidades e públicos diversos.

Para o desenvolver dessa pesquisa, pretendemos tomar por base também, a perspectiva da Educação Histórica, em especial os escritos de Peter Lee. De acordo com CAIMI (2009) a Educação Histórica:

é fundamentada, predominantemente, em referências da epistemologia da história, (...) Especialmente apoiada em autores com Jörn Rüsen, Isabel Barca, Peter Lee, Rosalyn Ashby, Joaquin Prats, Maria Auxiliadora Schmidt, entre outros, busca reconhecer as ideias históricas de alunos e professores, centrando a atenção ‘nos princípios, fontes, tipologias e estratégias de aprendizagem’ (...) Tais estudos procuram focalizar as ideias históricas que os sujeitos constroem a partir das suas interações sociais. (CAIMI, 2009. p. 70)

De acordo com FREITAS (2014) a Educação Histórica reivindica uma maior participação da história nas ideias de aprendizagem, pois se a história é uma ciência, então o ensino de história deve ser científico. A ideia não é formar historiadores mirins, é fazer com que os alunos pensem historicamente para assim evitarem anacronismos e ideias de senso-comum e para isso eles devem operar historiograficamente na sala de aula, aprendendo a pesquisar, a utilizar as fontes, validar argumentos etc. Os alunos não devem assim, aprender apenas os conteúdos substantivos retidos ou verbalizados como tal, eles devem dominar os conceitos e procedimentos dos historiadores. Dessa forma, torna-se possível a construção de argumentações e conjecturas por parte dos alunos em consonância com o saber histórico escolar.

O ensino de História possui o papel de formador de sujeitos na construção de formas de ver, pensar, se posicionar, argumentar ou seja de produzir a subjetividade humana afirma ALBUQUERQUE JR. (2012). Em suma, a partir do aprendizado da alteridade, da desnaturalização do tempo presente, fabricar pessoas. Ao conferir significado ao contexto social em que nossos alunos

estão inseridos, estamos contribuindo para a formação da consciência histórica destes e conseqüentemente da sua conscientização enquanto sujeitos históricos de direitos (OLIVEIRA & FREITAS, 2016).

CAIMI (2015) coloca em evidencia uma questão de suma importância neste processo: “para ensinar história a João é preciso entender de ensinar, de História e de João” (p.111). Não basta apenas saber História ou dominar conhecimentos pedagógicos ou ainda sobrepor o conhecimento prévio dos alunos aos demais. É mais complexo do que isso, como fora dito inicialmente. É uma conjugado de fatores onde esses saberes em equilíbrio não apareçam como uma fórmula mágica, praticamente milagrosa no ensino, mas para se pensar para além de visões reducionistas sobre o ensino de história. É necessário ao docente de História pensar em João. Quem é João hoje? O que ele procura nas redes sociais? O ensino de história está o ajudando na sua conscientização enquanto sujeito de direitos? João aprende história nas redes sociais?

Partindo desses pressupostos teóricos, pretendemos analisar de maneira sintética as concepções de cibercultura e ciberespaço (LEVY, 2009), buscando uma maior compreensão do contexto no qual a educação se insere hoje. Ao analisarmos a sociedade em rede (CASTELLS, 2005) pretendemos contextualizar os sujeitos de nossa análise, os jovens estudantes “nativos digitais” investigando as novas formas de aprendizagem que acompanham esse novo perfil de pensadores digitais e suas novas demandas.

Em seguida conceituaremos aprendizagem histórica digital e faremos uma análise netnográfica da principal rede social acessada pelos nossos estudantes, o Facebook, observando as páginas sobre história mais acessadas, seus conteúdos e possibilidades pedagógicas. Nesta parte pretendemos criar uma página no Facebook, de caráter experimental, para juntamente com nossos alunos vivenciarmos a construção do saber histórico de forma colaborativa. Como resultado dessa vivência, bem como do aprofundamento teórico, iremos propor um guia pedagógico voltado para professores para a elaboração de aulas colaborativas de história onde o principal recurso didático será a rede social.

CONCLUSÕES

Pretendemos neste texto apresentar a temática da aprendizagem histórica em suas considerações teóricas iniciais visto que compreende a primeira parte da nossa pesquisa de mestrado. Muitas questões foram levantadas ao passo que outras ainda surgirão pois o tema não se esgota, nem se limita já que se insere naquilo que hoje vivenciamos como cibercultura ou cultura digital. Entender

esse novo contexto da sociedade em rede, juntamente com esse novo perfil de estudante, que possui uma nova mentalidade e por isso pode ser chamado pensador digital, nos direciona à reflexão sobre uma nova aprendizagem que suportem novos tipos de racionalidade. Sendo assim, acabamos por sentir a necessidade de tecer considerações sobre a escola, o professor e os materiais didáticos e seus novos papéis, agora ressignificados.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história. In: GONÇALVES, Marcia de A.; ROCHA, Helenice (et all) (Org.) *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: FGV, 2012.

BARCA, Isabel. Educação história: pesquisar o terreno, favorecer a mudança. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora e BARCA, Isabel (Orgs.) *Aprender história: perspectivas da educação histórica*. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.

CAIMI, Flávia Eloísa. O que precisa saber um professor de história? *História & Ensino*, Londrina, v.21, n.2, p.105-124, jul/dez. 2015

_____. História Escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende? In: ROCHA, Helenice (Org.) *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. 1ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

CARRETERO, Mario. *Documentos de Identidade: a construção da memória histórica em mundo globalizado*. Trad. Carlos Henrique Lucas Lima. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2005. v. 1.

FREITAS, Itamar. *Aprender e ensinar história nos anos finais da escolarização básica*. Aracaju: Criação, 2014.

GABRIEL, Carmen Teresa. Conhecimento escolar, cultura e poder: desafios para o campo do currículo em "tempos pós" In: Moreira, Antônio Flávio e CANDAU Vera Maria (Orgs.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GARCIA, Tânia Maria F. Braga. Relações entre ensino e aprendizagem histórica: desafios para a pesquisa em Educação Histórica. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel (Org.) *Aprender história: perspectivas da educação histórica*. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.

LEE, Peter. Por que aprender História? *Educar em Revista*. Trad.: Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt e Marcelo Fronza. Curitiba: Editora UFPR, n. 42, p. 19-42, out./dez. 2011.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. (Trad. Carlos Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.

MONTEIRO, Ana Maria. PENNA, Fernando Araújo. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. *Educação & Realidade*, Porto Alegre. v. 36, n.1, p. 191-211, jan./abr., 2011. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade

OLIVEIRA, Margarida Dias & FREITAS, Itamar. Ensino de História e formação da consciência crítica. In: MOLINA, Ana & FERREIRA, Carlos. *Entre textos e contextos: caminhos do ensino de história*. Curitiba: CVR, 2016.

OLIVEIRA, Margarida Dias. *O direito ao passado: Uma discussão necessária à formação do profissional de História*. Tese de Doutorado em História- Programa de pós-Graduação em História- Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE. Recife, 2003.